Carta dirigida ao Diário de Lisboa,
com pedido de publicação e não publicada

TL 4358

Um semanário de Lisboa apresentou na sua última edição do dia 4 do mês corrente uma reportagem "exclusiva" sobre a dramática situação vivida em Timor-Leste pelo povo Maubere sob a ocupação e a repressão sangrentas da Indonésia. O jornalista teria conseguido furtar-se à vigilância dos ocupantes e entrar no território maubere. Mesmo apesar de preso e expulso teria conseguido salvar as fotografias obtidas e que acompanham a referida reportagem.

Não está em causa a brutalidade e a ilegitimidade de uma situação que viola frontalmente os mais elementares direitos humanos bem como o direito do povo Maubere à independência. É justa a preocupação de quebrar o muro de silêncio que as autoridades reaccionárias de Jacarta com a cumplicidade de algumas potências ocidentais tentam levantar em torno da situação. É importante que se divulguem todas as informações e elementos que reforcem a justeza da luta travada pelo povo Maubere e pela FRETILIN contra os invasores.

Precisamente porque tudo isto é demasiadamente importante é que a referida reportagem assume aspectos particularmente graves utilizando processos que, francamente assumem o carácter de provocação e tristemente fazem lembrar os utilizados pelos imperialistas e reaccionários de todo o mundo.

Todo ou pelo menos uma parte substancial do texto assenta na obtenção das fotografias. Ora estas como muitos jornalistas e outras pessoas sabem não foram obtidas em Timor-Leste. Pelo menos duas delas não o foram. Quer a fotografia que na 1ª página do referido semanário acompanha a chamada de atenção para a reportagem quer a fotografia que apresenta a legenda "cadáveres amontoados em território maubere" foram tiradas no Vietname respectivamente em 1969 no mês de Abril pelo fotógrafo Larry Burrows na região de Hué e em 1968 pelo fotógrafo Ronald Haeberle durante o massacre perpetrado por tropas americanas em My Lai.

As implicações que decorrem desta fraude à opinião pública são de extrema gravidade que só se acentuaria por um silêncio cúmplice.

Por um lado põe em causa a credibilidade e a confiança da opinião pública na imprensa que a pretende servir, ao utilizar o interesse despertado por uma questão tão dramática e candente para fazer passar uma burla jornalística. Por outro lado não só não contribui para o esclarecimento da situação vivida pelo povo maubere e da luta dos combatentes da FRETILIN como permite o aproveitamento pelas forças imperialistas e reaccionárias para denegrir a luta daqueles que oprimem e sabotar os esforços da comunidade progressista internacional a favor de uma solução justa do problema.

Esta é pois uma situação suficientemente grave que exige uma tomada de posição clara, de apuramento de responsabilidades e de condenação explícita não só pelos jornalistas mas também e sobretudo por todos os amantes da paz, da liberdade e da causa dos povos contra a opressão e dominação imperialistas se quisermos manter a nossa coerência e dignidade.

António Carlos